



É tempo de jongo em Madureira e no Vale do Café

PÁGINA 3



O 'sacana' Paulo César Peréio ressurgue nas telas

PÁGINA 10

Confira as melhores pedidas do Dia da Lasanha

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

Por Affonso Nunes

Com força e com vontade, chega um novo tempo. No último dia 16, um dos autores mais consagrados da MPB entrou para o clube dos 80 anos no qual já figuram nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Agora chegou a vez de Ivan Lins cruzar esse portal. Neste sábado, o artista sobe ao palco do Vivo Rio para inaugurar a turnê “Ivan Lins 80”, que passa a limpo uma trajetória autoral de 55 anos que conquistou o Brasil e o mundo.

O show mergulha na extensa obra do artista, que soma mais de 800 canções desde os anos 1970. No repertório, clássicos como “Madalena”, “Dinorah, Dinorah”, “Vitoriosa” e “Lembra de Mim” dividem espaço com inéditas como “Meninos de Gaza”, parceria com Simone Guimarães. A direção artística fica com Cláudio Lins, filho do homenageado, e terá participações especiais de Fafá de Belém, Leila Pinheiro e do próprio Cláudio. “O espetáculo costura um roteiro afetivo, contemplando diferentes fases da minha

Ivan Lins, 80!

Cantor e compositor celebra aniversário com turnê que percorre meio século de sofisticação harmônica na MPB

trajetória. São canções que remetem à memória do público”, destaca Ivan.

Fafá de Belém, que gravou “Bilhete” em 1982, se derrete em elogios ao artista. “Eu era menina no início dos anos setenta, quando ele apareceu na tevê cantando ‘O Amor É Meu País’. Nunca imaginei um dia ser amiga desse cara”. E Leila Pinheiro relembra o apoio do músico. “Ele já estava comigo na gravação do meu primeiro álbum, em 1982, tocando ‘Mãos de Afeto’. Depois disso, a gente nunca mais se deixou”.

Um momento especial será o dueto entre Ivan e Cláudio em “Aos Nossos Filhos”, imortalizada por Elis Regina. O espetáculo celebra suas parcerias com Vitor Martins, Chico Buarque e Paulo César Pinheiro. É para guardar nos olhos, ouvidos e coração.

SERVIÇO

Ivan Lins 80
Vivo Rio (Av. Infante D. Henrique - Parque do Flamengo)
26/7, às 21h
Ingressos entre R\$ 110 a R\$ 210

Divulgação



Ex-tecladista do Skank, Henrique Portugal se une ao grupo Conexão Rio para reinterpretar clássicos de Roberto Carlos em duas noites no Manouche

Por Affonso Nunes

O ex-tecladista do Skank, Henrique Portugal, e a banda carioca Conexão Rio sobem ao palco do Manouche nesta sexta e sábado (25 e 26) para apresentar o show “As Canções que Não Fiz pra Ela”, projeto que reinterpreta o repertório de Roberto Carlos através de novos arranjos que transitam entre pop, reggae e bossa nova. O repertório percorre diferentes momentos da carreira do Rei desde a Jovem Guarda até sua fase romântica.

A roupa nova do Rei

Portugal, que integrou o Skank por 32 anos, traz para o projeto sua experiência como cantor, compositor e tecladista de uma das maiores bandas de rock do país. Ele lan-

Henrique Portugal revisita obra de Roberto Carlos com novos arranjos

É bossa? É jazz? É samba? Não, é o sambalanço!

Amanda Bravo relembra os grandes sucessos do gênero que fez o país dançar neste sábado no Beco das Garrafas

Mesmo tendo a herança da bossa nova e do sambalanço no sangue, Amanda Bravo só gravou seu primeiro disco em 2019. Filha do saudoso Durval Ferreira - autor de clássicos como “Estamos Aí”, “Batida Diferente” e “Tristeza de Nós Dois”, a produtora dirige o mítico Beco das Garrafas onde, volta e meia, se apresenta. Neste sábado (26), às 20h30, ela sobe ao palco da casa com o espetáculo “Sambalanço - A Bossa que Dança”.

O sambalanço é um ritmo surgido lá pelo fim dos anos 1950 nas boates de

Copacabana e nos bailes de subúrbio misturando jazz, samba, bossa nova e música latina. O ritmo dançante contagiava quem estava nas pistas, conquistando o público de todo o Brasil e admiradores em todo o mundo.

O gênero teve três pilares: Orlandivo, Ed Lincoln e Durval Ferreira. Embalada por este suingue desde pequena, Amanda se dedicou à pesquisar mais profundamente o estilo, seus intérpretes e compositores e sua história. Além de ter atuado ao lado de Orlandivo por 10 anos em bailes e sho-



Amanda Bravo no bairro que foi berço da bossa nova e também do sambalanço

çou recentemente o EP “Impossível”, seu primeiro trabalho pós-Skank, com participações de Frejat, Marcos Valle, Marcelo Tofani e Kledir Ramil.

Formada por André Cechinel (piano), Fernando Barroso (baixo), Fernando Clark (guitarra) e Zé Mário (bateria), a Conexão Rio completa 22 anos de atividade com foco na bossa nova, samba jazz e MPB. Ao longo de sua trajetória, a banda já dividiu o palco com nomes como Raul Mascarenhas, Léo Gandelman, Celso Fonseca, Vinicius Cantuária e Vitor Santos e possui dois CDs lançados.

Músico forjado na escola do pop rock, Portugal explica a escolha de Roberto Carlos. “Durante muito tempo procurei entender o universo das relações amorosas, suas razões e seus sonhos. Foi através desta busca que cheguei ao rei da música brasileira”, conta. “Suas canções com Erasmo, seu jeito único de interpretar, como um contador de histórias vividas se tornou a trilha sonora de gerações. Os arranjos desta história musical, em sua maioria, têm o piano como instrumento condutor. Por todos estes motivos resolvemos fazer esta homenagem ao artista que mais conhece da alma feminina no Brasil”, completa.

SERVIÇO

AS CANÇÕES QUE NÃO FIZ PRA ELA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese)

25 e 26/7), às 21h

Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia solidária com doação de 1kg de alimento não perecível ou livro para o Retiro dos Artistas)

ws em que ele foi redescoberto pela nova geração e nas pistas de dança no exterior. “Com ele, pude aprender na prática toda a cadência, suingue, interpretação e divisão rítmica do estilo”, comenta a cantora que está finalizando um dedicado ao gênero.

Ao lado de Haroldo Cazes (baixo), César Ferreira (violão) e Kleberson Caetano (bateria), Amanda não se restringirá ao sambalanço e promete interpretar sucessos de Dolores Durán, Billy Blanco, Tom Jobim, João Donato, Roberto Menescal, João Gilberto, entre outros que fizeram a história do Beco das Garrafas. (A.N.)

SERVIÇO

AMANDA BRAVO - SAMBALANÇO - A BOSSA QUE DANÇA

Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana) | 6/7, às 20h30 | Ingressos a R\$ 60

Fotos/Karen Eppinghaus/Divulgação



O jongo dançado em chão de terra batida é preservado em sua essência na região do Vale do Café, no Sul Fluminense

Jongo, teu nome é resistência

Madureira e o Vale do Café recebem eventos que celebram a manifestação

Por Affonso Nunes

Em 2005, o jongo foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Para comemorar os 20 anos desse título e avaliar os resultados do plano de salvaguarda do gênero musical coreográfico afro-brasileiro, considerado um dos pais do samba carioca, lideranças de comunidades jongueiras criaram um calendário de festas, eventos e projetos comemorativos.

Nesta sexta-feira (25), o Jongo da Serrinha apresenta na Arena Fernando Torres, em Madureira, o espetáculo “Madureira, do jongo ao Samba”, com a participação da Velha Guarda da Império Serrano. O grupo é comandado por três gerações de mulheres negras que preservam e renovam tradições centenárias da cultura afro-brasileira carioca.

O espetáculo propõe um diálogo musical entre o jongo e o samba, dois gêneros que encontraram no solo de Madureira um território fértil para seu desenvolvimento. O repertório combina pontos tradicionais de jongo com sambas consagrados do Império Serrano.

O coletivo musical, que tem como matriarca Deli Monteiro, neta da lendária Vovó

Alexandre Macieira/Riotur



Após a Abolição, os antigos escravizados desceram a serra e gingado do jongo encontrou terreno fértil para florescer em Madureira

Maria Joana, conta ainda com a participação fundamental de Lazir Sinval, sobrinha de Tia Maria, e Cida Santana. Essas três vozes femininas representam não apenas a continuidade de um legado ancestral, mas também a resistência e a reinvenção de práticas culturais que encontraram no jongo sua expressão mais autêntica.

“No jongo, há muita representatividade

feminina. As mulheres negras do Jongo da Serrinha honram sua ancestralidade e transmitem os saberes para as próximas gerações. Desde o tempo de minha avó Maria Joana, somos desbravadoras e tornamos esse grupo um espaço participativo, de fé e muita força também”, explica Deli Monteiro, evidenciando como o protagonismo feminino negro se

manifesta não apenas na performance artística, mas na própria estrutura organizacional e pedagógica do grupo.

Mas até chegar na Serrinha, o jongo tem muita estrada. A manifestação que combina dança, música e práticas espirituais de origem africana - especificamente dos povos bantos do Congo e de Angola - chegou ao Brasil através dos africanos escravizados e se consolidou principalmente nas regiões cafeeiras do Sudeste brasileiro. Historicamente, o jongo funcionava como espaço de sociabilidade e resistência cultural para as comunidades escravizadas nas fazendas de café e cana-de-açúcar. Na parte da noite, quando eram proibidos de conversar entre si, os escravizados utilizavam o jongo para comunicar acontecimentos do dia, planejar ações futuras e manter vivas suas tradições.

É justamente na região do Vale do Café, no Sul Fluminense, que o calendário jongueiro segue. Neste sábado (26) será realizado o 4º Encontro de Jongs do Vale do Café, no Parque das Ruínas de Pinheiral. O local é gerido hoje pelas mestras da comunidade centenária do Jongo de Pinheiral, lideradas pela lendária Mestra Fatinha do Jongo. Durante o evento, cerca de 400 lideranças de jongo e os seus mestres vindos de mais de 18 comunidades e quilombos tradicionais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo têm encontro marcado com o público. E 15 dias depois, o jongo vai se espalhar em evento na Praça Tiradentes rodas de jongo, shows de samba, oficinas com mestres, um seminário no Teatro Carlos Gomes e uma exposição fotográfica na praça.

SERVIÇO

TRADIÇÃO DO JONGO

MADUREIRA: DO JONGO AO SAMBA
Arena Fernando Torres (Rua Bernardino de Andrade, 200 - Madureira): 25/7, às 19h - Grátis
4º ENCONTRO DE JONGOS DO VALE DO CAFÉ

Parque das Ruínas do Pinheiral (Rua Francisco Ribeiro de Abreu, 102, Pinheiral): 26/7, a partir das 9h - Grátis

100% pop; 100% inovadora

Nova Orquestra leva música de concerto às ruas do Rio em celebração aos 25 anos do projeto Vale Música

Karyme França/Divulgação

Por Affonso Nunes

A música de concerto ganha as ruas cariocas neste fim de semana em uma celebração que marca os 25 anos do projeto Vale Música Espírito Santo e os cinco anos do Instituto Cultural Vale. Mas prepare-se para sair da caixa com a Nova Orquestra, primeira formação orquestral 100% pop do país, promove uma programação especial que aproxima o público da música instrumental através de apresentações gratuitas ao ar livre neste sábado e domingo (26 e 27).

Com regência e direção musical de Ludhymila Bruzzi, o grupo inova em sua proposta artística ao se desdobrar em formações de instrumentistas. São dois grupos de câmara com instrumentos de sopro, metais e percussão reunindo músicos de Serra (ES) e do Rio de Janeiro.

No sábado, as intervenções musicais percorrem pontos estratégicos da cidade, criando um roteiro musical que vai do Centro à Zona Norte, passando pela Zona Sul. O repertório escolhido é essencialmente popular capaz de apresentar versões camerísticas para clássicos do forró e sucessos de Tim Maia, por exemplo. Às 11h, o grupo formado por músicos cariocas se apresenta em frente ao Museu do Amanhã com forró; às 13h, os músicos capixabas tocam Tim Maia na Praça da Pira, aproveitando o movimento da feira da Junta Local; às 16h, o forró retorna com o grupo do Rio no calçadão de Ipanema; e às 18h, os músicos capixabas encerram o dia interpretando novamente Tim Maia no tradicional Leão



A Nova Orquestra vem construindo uma sólida reputação desde sua fundação em 2019

Etíope do Méier.

No domingo reserva o momento de maior integração. Nos Pilotis do MAM, às 11h, as duas formações se unem no Baile da Nova Orquestra, apresentando um repertório inspirado no carnaval de rua carioca que transita do samba ao axé, incluindo composições de Alceu Valença e Jorge Ben.

Professora de clarinete no projeto social da Vale e figura importante no cenário musical capixaba, Ludhymila Bruzzi integrou grupos relevantes como a Filarmônica de Mulheres do Espírito Santo e o Quinteto de Sopros Ella's, além de

ter conduzido a Nova Orquestra durante a queima de fogos do Réveillon de Copacabana 2024.

A Nova Orquestra consolidou-se como um fenômeno no cenário musical brasileiro desde sua estreia em 2019 na Game XP, para mais de 100 mil pessoas. No mesmo ano, foi atração principal do Palco Sunset do Rock in Rio, retornando em 2022 ao lado do cantor Jão e com o espetáculo Uirapuru. Ganhadora do Prêmio Profissionais da Música, a formação já se apresentou no Réveillon de Copacabana, em festivais como The Town e Rock The Mountain, realizou

turnês internacionais nos Estados Unidos e Portugal, e dividiu palco com artistas como Chico César, Pitty, Ney Matogrosso, Alceu Valença, Rael, Fafá de Belém e Toni Garrido.

SERVIÇO

NOVA ORQUESTRA

26/7 (sábado)

11h: Grupo de Câmara Rio de Janeiro (forró) - Em frente ao Museu do Amanhã (Praça Mauá, 1, Centro)

13h - Grupo de Câmara Serra (Tim Maia) - Praça da Pira, em frente ao CCBB (Rua Primeiro

de Março, 76, Centro)
16h - Grupo de Câmara Rio de Janeiro (forró) - Quiosque Alalaô (Av. Vieira Souto, Ipanema)
18h - Grupo de Câmara Serra (Tim Maia) - Leão Etíope do Méier (Rua Hermengarda, 10, Méier)

27/7 (domingo)

11h - Baile da Nova Orquestra (grupos Serra + Rio de Janeiro) - Pilotis do MAM (Avenida Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
Todas as apresentações são gratuitas.

O lado solar de Caio Prado no pôr do sol

Cantor celebra década de carreira em show intimista na Lagoa

Por Affonso Nunes

O cantor e compositor carioca Caio Prado sobe ao palco dos jardins da Casa Museu Eva Klabin neste sábado (26) para um show que marca uma década de trajetória musical. O repertório enfatiza as faixas autorais de seu álbum mais recente, “Caio em Ti”, mas também percorre as canções dos trabalhos anteriores.

Primeiro lançamento do artista pela gravadora Deck, “Caio em Ti” tem uma proposta mais solar, mais pop, abrindo espaço para falar de temas como amor, sexo, praia, futebol e outros assuntos de seu universo. “É mú-



Divulgação

Caio Prado é um porta-voz musical das lutas antirracistas

sica pra fazer amor, pra tocar na pista, para as pessoas dançarem, ainda que tenha letra que fale da desigualdade social, o que fica é a alegria de viver porque esse é um disco muito feliz”, comenta Caio.

A apresentação integra a quarta edição do projeto Pôr do Sol em 2025, iniciativa com curadoria de Rodrigo Andrade que ocupa os jardins do museu para celebrar a diversidade da música brasileira contemporânea. Os shows acontecem sempre no fim da tarde, criando uma atmosfera intimista em pleno entardecer carioca.

Reconhecido como um dos talentos emergentes da nova geração musical brasileira, Caio Prado construiu uma obra que mescla temáticas existenciais e cotidianas com questões sociopolíticas. Suas letras exaltam a cultura afro-brasileira e abordam o combate ao racismo e à LGB-TQAPN+fobia, características que o consolidaram no cenário musical nacional.

O artista já dividiu palco com nomes consagrados como Ney Matogrosso, Belo e Maria Gadú, demonstrando a versatilidade de um timbre considerado raro pela crítica especializada. Sua discografia inclui “Variável Eloquente”, “Incendeia” e o mais recente “Caio em Ti”, lançado em 2024, que originou uma turnê que passou pelo Rio, São Paulo, Belém, Lisboa e Madrid.

SERVIÇO

CAIO PRADO

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa) | 26/7, às 17h | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Felipe Max/ Kondzilla



Pagode e funk

O 90s Festival encerra sua edição 2025 neste domingo (27), na estrutura montada na Marina da Glória, com Furacão 2000 fechando a programação no Palco Pavilhão. Raça Negra abre o evento, seguido por Sorriso Maroto às 19h45 e Alexandre Pires às 21h45. Buchecha (foto) se apresenta às 18h45 também no Palco Pavilhão. O festival celebra os sucessos dos anos 1990 reunindo grandes nomes do pagode e funk carioca.

Divulgação



Moska de graça

Paulinho Moska faz show gratuito no Teatro Municipal Raul Cortez, em Duque de Caxias, nesta sexta (25), às 19h. O evento é uma contrapartida social da segunda edição do 90's Festival. Sob direção musical de Rodrigo Suricato (Barão Vermelho), apresentará hits como “Pensando em Você” e “A Idade do Céu”, além de músicas do álbum “Beleza e Medo” (2018). Ingressos pelo site da Bilheteria Digital.

Peter Tollenaar/Divulgação



Gênios europeus

A Orquestra de Câmara do Concertgebouw de Amsterdã, tendo como solista a aclamada violinista alemã Antje Weithaas, se apresenta nesta sexta (25), às 19h, no Theatro Municipal. No programa, obras de quatro grandes compositores europeus que marcaram diferentes fases da música ocidental: Wolfgang Amadeus Mozart, Felix Mendelssohn-Bartholdy, Maurice Ravel e Dmitri Shostakovich.

Fotos/Divulgação



Novo repertório

O cantor e compositor Pedro Mann lança o álbum “Entre o céu e o pé no chão” com show no Blue Note Rio nesta sexta-feira (25), às 22h30. O repertório autoral dos cinco discos do artista também será apresentado. O disco revela sonoridade solar e serena, retratando momento tranquilo do artista. A apresentação contará com participação de Luiza Boê, que integra a faixa “O sol continua a brilhar” do novo trabalho.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Da dor que o corpo guarda em silêncio e do coração que grita quando não consegue mais suportar, nasce o espetáculo “Takotsubo – Coração Partido”, em cartaz no Teatro Laura Alvim. Trata-se de uma ficção documental inspirada na síndrome real que atinge, em sua maioria, mulheres abaladas por emoções extremas. A peça, escrita e protagonizada por Monica Guimarães e Claudia Mauro, mergulha nos efeitos do trauma e da perda, revelando como o estresse emocional pode, literalmente, quebrar o coração.

A Síndrome de Takotsubo, termo originado do japonês que significa “armadilha de polvo”, é uma condição médica que enfraquece temporariamente o músculo cardíaco após eventos emocionais intensos. Muito confundida com um infarto, essa cardiomiopatia por estresse afeta principalmente mulheres na meia-idade e pode ter consequências graves, como insuficiência cardíaca, sequelas permanentes ou até a morte.

No palco, essa realidade é representada por Eleonora, uma mulher de 50 anos, classe média alta da zona sul carioca, recém-separada de um relacionamento abusivo. Em coma, ela revisita mentalmente sua história, dores e escolhas, buscando sentido e cura. A peça é uma jornada íntima que propõe, acima de tudo, um renascimento emocional.

Para o diretor Édio Nunes, encenar histórias com base em experiências pessoais é sempre um desafio profundo. “Takotsubo me obriga a ir fundo nas minhas próprias questões. É um presente mergulhar num drama com tantas camadas”, afirma ele, ao comentar o processo criativo e o envolvimento emocional com o tema.

Mas o mergulho foi além da dramaturgia. Durante a preparação do espetáculo, Édio se deparou com uma realidade que o surpreendeu. “Eu nunca tive o coração partido, mas, pelo que



Mônica Guimarães e Guilherme Dellorto em cena em ‘Takotsubo, Coração Partido’, montagem sobre uma mulher que aprende a se respeitar e a dizer ‘não’ após passar por uma longa relação abusiva

Relações que fazem adoecer

Espectáculo lança luz sobre o Takotsubo, a síndrome do coração seu partido, e seus efeitos

soube por meio de pesquisas e estudos, essa condição afeta principalmente mulheres com mais de 50 anos, submetidas a altos níveis de estresse emocional. Muitas vezes confundida com infarto do miocárdio, a chamada Síndrome do Coração Partido — ou Takotsubo — foi identificada em casos extremos, como o da Mônica, que teve apenas 1% de chance de sobrevivência”, relata.

Impactado pelos dados e pelos relatos, o diretor não esconde a indignação. “Fiquei profundamente surpreso, e indignado, com

o quanto o sofrimento emocional, muitas vezes causado por relações abusivas e contextos familiares opressivos, pode impactar a saúde de forma tão severa. Considero um ato criminoso levar uma mulher a esse ponto de ruptura, especialmente em uma sociedade que já impõe a elas múltiplas jornadas e cobranças constantes.”

A atriz Monica Guimarães enfatiza a importância de trazer essa síndrome ainda pouco conhecida à luz. “Muitos desconhecem os efeitos físicos do sofrimento emocional. O teatro tem um poder so-

cial imenso de despertar empatia e compreensão. É uma ponte entre o invisível e o coletivo”, aponta.

A co-diretora Larissa Bracher reforça que o processo de criação foi harmonioso e enriquecedor. “É raro dividir a direção com tamanha sintonia. Desde o início, parecia que trabalhávamos juntos há anos”, diz. Ela destaca também o caráter curativo da peça. “É sobre uma mulher que aprende a dizer ‘não’, a se respeitar. É teatro como ferramenta de reflexão e transformação.”

Cláudia Mauro, que divide o protagonismo, vê o espetáculo como um espelho emocional. “É impossível sair ileso. A peça joga luz sobre relações adoecidas, escolhas negadas e dores reprimidas. Todos nós, em algum momento, já estivemos à beira desse abismo.”

Além de dar visibilidade à síndrome de Takotsubo, o espetáculo quebra estigmas em torno da saúde emocional, apresentando uma narrativa feminina potente, vulnerável e universal. O texto impacta porque toca em feridas comuns e convvida o público a olhar para dentro.

Para Édio, essa força também vem da entrega do elenco, especialmente de Cláudia Mauro. “Trabalhar com a Cláudia é sempre um encontro profundo. A

gente convive há mais de 20 anos, e, nos últimos oito, de forma intensa. Ela é uma extensão da minha casa, da minha sala de ensaio. A Cláudia entende minha visão de cena, a gente debate, discorda, mas sempre em nome da excelência. A dedicação dela é visceral.”

O diretor reforça que tudo isso torna o espetáculo ainda mais potente. “É uma experiência visceral, tanto para os atores quanto para o público. A palavra e o corpo são os fios condutores. É nesse encontro que reside a força da cena”, conclui Édio Nunes.

Mais do que um diagnóstico médico, “Takotsubo – Coração Partido” é uma metáfora de um corpo que pede pausa, de um coração que se recusa a morrer calado. Uma obra sensível e necessária, que transforma a dor em arte e o palco em lugar de cura.

SERVIÇO TAKOTSUBO, CORAÇÃO PARTIDO

Casa de Cultura Laura Alvim - Teatro Rogério Cardoso (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema)
Até 3/8, sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 60 (meia) R\$ 30 (inteira)

CRÍTICA / TEATRO / RUTH & LÉA

Se todos fossem iguais a vocês

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Existe um passado apagado no Brasil. O descobrimento, a independência, a abolição, as ditas “revoluções”. Mas é um passado que, como um fantasma meio zumbi, exige coragem para ser encarado, pois é incapaz de morrer. Os artistas negros, especialmente nas artes cênicas, vêm de longe — talentos antes isolados, mas cujos legados permanecem vivos até hoje, surpreendendo-nos com a seguinte pergunta: como não percebemos antes?



Divulgação

Bárbara e Ivy têm atuações de profunda humanidade

Assim, a peça “Ruth & Léa” é um encontro emocionante entre o passado e o presente da dramaturgia negra brasileira, conduzido com inventividade, talento e total maestria pelo diretor Luiz Antonio Pilar, verdadeiro artesão das imagens e da arte da representação, que constrói uma narrativa em que passado, presente, depoimentos e atuação das atrizes se entrelaçam sem dramas excessivos ou exageros, dando vida à história que não foi contada.

O texto, sensível e certo, assinado por Dione Carlos, mergulha nas memórias de Ruth de Souza e Léa Garcia com poesia, afeto e dignidade. Mais do que uma biografia dramatizada, o espetáculo é um tributo vivo e pulsante à resistência, ao talento e à representatividade de duas artistas que abriram caminhos em meio a tantos silêncios históricos. As atrizes Bárbara Reis e Ivy Souza entregam atuações de profunda humanidade, construindo em cena uma conexão que ultra-

passa o tempo e os personagens. A química entre elas emociona e sustenta a narrativa com delicadeza e força. Elas interpretam não apenas Ruth e Léa, mas também uma linhagem inteira de mulheres negras que marcaram a arte brasileira. A construção das personagens é tão verdadeira que o público se sente parte do processo. É uma entrega que não grita, mas reverbera fundo, como um sussurro cheio de história. Pilar, no entanto, não se compromete apenas com uma causa. Seu compromisso é com a memória coletiva, que não se resume a Ruth e Léa. Figuras históricas como Abdias do Nascimento, Mercedes Baptista e Aguinaldo Camargo retornam ao presente em fotos, filmes, vozes e textos. A peça ensina sem ser didática, sem recorrer à dor como ferramenta principal.

SERVIÇO
RUTH & LÉA
Teatro Glaucio Gil (Praça Cardeal Arcoverde s/nº, Copacabana)
Até 28/7, sábado a segunda (20h)
Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia) e R\$ 20 (vale cultura e passaporte cultural)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

O pequeno Bituca

O musical infantil “Bituca – Milton Nascimento para Crianças” encerra temporada neste domingo (27) no Teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea. A peça aborda a adoção e os desafios de inserção de uma criança negra em ambiente branco, inspirada na vida do cantor. Com texto de Pedro Henrique Lopes e direção de Diego Moraes, integra o projeto “Grandes Músicos para Pequenos”. O espetáculo recebeu sete indicações ao Prêmio CBTIJ 2017, incluindo Melhor Espetáculo e Melhor Roteiro Original.

Divulgação



Divulgação

Celebração maia

A Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades celebra o “Dia fora do Tempo” do calendário maia nesta sexta-feira (25), a partir das 18h. O cortejo que une teatro e música sai da rua Pedro Ernesto até a Praça da Harmonia, na Gamboa, região da Pequena África. O evento reúne atores, músicos e brincantes em pernas de pau para celebrar a data que marca a suspensão temporal entre o fim e início do ano maia. A apresentação promete arte e cultura em homenagem aos encontros e tradições ancestrais no coração histórico carioca.

Renato Domingos/ @sobre.renato



Ecos do preconceito

O ator e encenador Clayton Nascimento apresenta o monólogo “Macacos” no Teatro Nova Iguaçu Petrobras neste sábado e domingo (26 e 27). Escrita em formato curto em 2015, o espetáculo foi sendo aumentado e foi montado em festivais no Brasil e no exterior. O solo aborda o racismo cotidiano através do relato de um homem negro que busca respostas para o preconceito. A dramaturgia foi inspirada no caso do goleiro Aranha, ofendido por torcedores em 2014. A peça conecta histórias de artistas negros como Elza Soares e Machado de Assis com dados sobre violência racial.

Elisa Mendes/Divulgação

SHOW

JAIME ALEM

✱Ao lado de João Carlos Coutinho, Bruno Aguillar, Djalma Marques, João Bustamante e Reginaldo Bessa, o músico apresenta um repertório especial no show “Misturei Mandei”. Dom (27), às 19h. Blue Note Rio (Av.Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

TRIO ELIPSOIDAL

✱Fundado em 2018, o grupo de violões apresenta o projeto “Brasil a 3: Matizes do Som”, um caleidoscópio sonoro dos séculos 20 e 21, do nacionalismo à estética contemporânea. Sex (25), às 19h. Espaço Cultural BNDEs (Av. Chile, 100 - Centro). Grátis

RAPHAELLA SOUZA

✱A cantora celebra duas de suas maiores influências musicais, Marina Lima e Marisa Monte, no show “O Chamado”. Dom (27), às 20h. Teatro Brigitte Blair (Rua Miguel Lemos, 51-H - Copacabana). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

MARK LAMBERT

✱O guitarrista e cantor estadunidense retorna com seu tributo “Beatles em Jazz” com releituras inventivas do repertório dos Fab Four. Sex (25), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

ROBERTO ROSEMBERG QUARTETO

✱Guitarrista apresenta sua vibrante mistura de samba, bossa, jazz e blues. No repertório clássicos de compositores como Johnny Alf, Maurício Einhorn & Durval Ferreira, Dizzy Gillespie e Baden Powell, além de temas próprios. Sex (25), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

JÚLIO SECCHIN

✱Revelação da novíssima MPB, o cantor, compositor e produtor musical combina elementos do funk com a sensibilidade do indie. Sáb (26), às 22h30. Blue Note Rio (Av.Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

ZEPPA SOUZA

✱O guitarrista e cantor apresenta mescla repertório autoral e releituras de grandes clássicos da MPB. Sex (25), às 19h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca. R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Em Nome da Mãe

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Jaime Alem

TEATRO

SOLIDÃO DE CAIO F.

✱Com direção e dramaturgia assinadas por Alexandre Mello, o espetáculo baseia-se em dois contos de autoria do escritor gaúcho, vítima da Aids nos anos 1990. Até 27/7, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Glaucê Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

A LUA VEM DA ÁSIA

✱Um mergulho cênico de Chico Díaz no universo do romancista e cronista Campos de Carvalho (1916-1998), mestre do surrealismo à brasileira em nossa literatura. Até 31/8, sáb (20h30) e dom (19h30). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º andar). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Any Duarte



'Ninguém Me Ensinou a Morrer'

Divulgação



Mark Lambert

EM NOME DA MÃE

✳Escrito e encenado pela atriz Suzana Nascimento, o monólogo foge do arco religioso e recontextualiza a figura de Maria de Nazareth, mulher pobre, solteira e grávida, numa sociedade machista, violenta e repressora. Sex e sáb (25 e 26), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 42 e R\$ 130

NINGUÉM ME ENSINOU A MORRER

✳Um olhar angustiado sobre a incerteza da juventude preta e periférica de sobreviver a cada noite diante da violência contra seus corpos. Direção de Vilma Mello. Até 3/8, sáb (19h) e dom (17h). Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá (Av. Geremário Dantas, 940 - Freguesia). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EXPOSIÇÃO

ANCESTRAL: AFRO-AMÉRICAS

✳Mostra reúne artistas africanos, brasileiros e dos EUA. Até 12/8, qua a seg (9h às 20h). CCB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

FACES

✳Carla Carvalhosa apresenta 15 trabalhos, revelando as múltiplas faces de sua arte. Até 15/8, seg a sáb (7h às 21h30) e domingos (8hs às 20h30). Capitu Café (Rua Cosme Velho, 174). Grátis

NOTÍCIAS DO BRASIL

✳Um Brasil popular através do dia a dia de seus habitantes. Até 30/8, ter a dom (10h às 20h). Sesc Tijuca (R. Barão de Mesquita, 539). Grátis

Divulgação



Faces

Divulgação



Arraiá Rock 80 Festival

PAISAGENS E PESSOAS

✳Imagens que retratam a chegada do desenhista Jean-Baptiste Debret ao Rio nos tempos do Brasil Colonial através de paisagens, representações da indumentária, comida, trabalho e vida social no século XIX. Até 29/9, de qua a seg. CCB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

HÃMXOP TUT XOP

✳Exposição inédita na cidade apresenta os trabalhos do povo Maxakali, a única etnia indígena de Minas Gerais que preserva integralmente sua língua ancestral, a partir da fibra da embaúba. Até 28/9, ter a sex (10h às 18h) sáb, dom e fer (11h às 17h) Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

GALERIA PROVISÓRIA

✳Anderson Thieves criou no estacionamento de um shopping ambientes cenográficos que reúnem suas obras de pop art. Seg a sáb (10h às 22h) e dom (13h às 21h). Via Parque Shopping - Piso L2 (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra). Grátis

INFANTIL

JORNADA DO PEQUENO PRÍNCIPE

✳Mostra imersiva no universo do escritor e aviador francês Antoine Saint-Exupéry (1900-1944) e seu mais célebre personagem. Até 22/8, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Parque Estadual (Av. Pres. Vargas, 1261). Grátis, com retirada de ingressos online via Sympla

TCHIBUM - A LIGA AQUÁTICA

✳Um boto cinza, um lontra e uma ave marinha se unem às crianças na missão de livrar as águas da Baía de Guanabara de uma barata fedida. Até 27/7, sáb e dom (11h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). Entre R\$ 21 (meia promo) e R\$ 70

MODELANDO CAMINHOS

✳Adultos e crianças são convidados a refletir e criar, por meio da modelagem, formas simbólicas de pés e calçados, representando suas próprias histórias e ancestralidades coletivas. Até 1/9. Sáb e fer (15h e 17h), Dom (11h, 15h e 17h). CCB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

COSTURANDO HISTÓRIAS

✳Apresentação dos contos africanos “Por que os mosquitos zunem nos ouvidos da gente” e “Por que os crocodilos não comem as galinhas” convidam o público para os tapetes-cenários interativos e para as fábulas tradicionais que sobrevivem ao tempo. Sáb e dom (12 e 13), às 14h. CCB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

EVENTO

ARRAIAL ROCK 80 FESTIVAL

✳O evento desembarca na charmosa praça da Glória, fechando o circuito junino carioca ao som do rock nacional e internacional dos anos 80, com espaço garantido também para o forró, a gastronomia e a cultura alternativa. Sáb e dom (26 e 27), das 11h às 21h. Praça Paris. Entrada: 2kg de alimento não perecível

Brasil em tempo de Peréio



Signo de uma irreverência sem frescuras, o astro, morto em 2024, enche o circuito nacional de saudades com o regresso do cult 'Iracema, Uma Transa Amazônica' às telas

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quando se digita o nome de Paulo César Peréio (1940-2024) nos buscadores dos streamings no ar hoje no Brasil, cults e clássicos saltam ao nosso olhar. A grade da Netflix hoje conta com os fenômenos de bilheteria "A Dama do Lotação" (1978) e "Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia" (1977); a Prime Video da Amazon exibe "Boca" (2012) e "A Extorsão" (1975); na Globoplay, rola vê-lo em "Tudo Bem" (1978) e na minissérie "Presença de Anita" (2001); e a MUBI oferece "O Homem do Ano" (2003).

No circuito exibidor de 13 estados do país, entre os quais o Rio de Janeiro (via Estação NET Rio), encontra-se a partir deste fim de semana uma versão restaurada (em 4K) de um dos mais prestigiados marcos da carreira do ferrabrás gaúcho, que partiu sem pedir licença à saudade da gente (como era de seu feitio): "Iracema, Uma Transa Amazônica" (1974). Dirigido por Jorge Bodanzky e Orlando Senna, esse clássico on the road entrou em restauração na Alemanha, sob a coordenação técnica de Alice de Andrade, com o

apoio do CTAV, Mnemosine, IMS, PUC Rio, Instituto Guimarães Rosa e da Cinemateca Brasileira.

Passou na Berlinale deste ano, em fevereiro, compondo num bonde de 12 filmes brasileiros e três séries nacionais, radicado na seção Forum Special, sob a curadoria de Barbara Wurm. Em sua trama, a adolescente indígena Iracema (Edna de Cássia) deixou sua família e mal consegue sobreviver trabalhando como garota de programa na cidade de Belém do Pará.

Na labuta do sexo pago, ela conhece o caminhoneiro Tião Brasil Grande (Peréio, monumental em cena). Não há um pinga de modos em Tião, um tipo inescrupuloso e falastrão que faz apologia do Mi-

lagre Econômico apregoado pela ditadura militar nos anos 1970. Leva Iracema para a rodovia com ele, numa jornada de múltiplos prazeres e injustiças sociais.

Vencedor de quatro troféus Candangos no Festival de Brasília (entre eles os de Melhor Filme e Atriz, dado a Edna), "Iracema, Uma Transa Amazônica" é um misto-quente de documentário e ficção que galvanizou a debochada ferocidade da persona de Paulo César, cujo sobrenome à vera é Campos Velho. Peréio é uma variação dos apelidos de infância "Nego Véio" e "Vevéio".

Este ano, além da passagem póstuma pela Berlinale, ele será visto (e aplaudido) em nossas salas

de exibição na carreira comercial de "Brizola – Anotações Para Uma História", .doc de Silvio Tendler no qual dá depoimento. Ganhou ainda homenagem da Associação de Críticos do Rio de Janeiro (AC-CRJ), por sua relevância para o nosso legado audiovisual.

Nos sets, Peréio zoava com a fama de escroto que conquistou (e cultivou) depois de dar trabalho para muita, mas muuuuita gente. Um apostrofo sugestivo - "o homem que foi expulso de uma suruba por mau comportamento" - acompanhava o astro do blockbuster "Eu Te Amo" (1981) em seus porres, suas fungadas insólitas, suas imposturas, mas, sobretudo, em suas incursões sempre dionisíacas nos pal-

Divulgação

cos, na TV e (sobretudo) na telona. Atravessou os mais variados movimentos estéticos do cinema brasileiro, amparado por seu vozeirão. Nenhuma voz de nossa indústria cinematográfica foi mais possante (e marcante) que a dele, ecoando para além de seus filmes, em locuções que fez, na publicidade e em mídias audiovisuais diversas.

Passou pelo Cinema Novo ("O Bravo Guerreiro"; "Terra Em Transe"), pelo Cinema Marginal ("Bang Bang") e pela Retomada ("Harmada"; "O Viajante"). Ganhou Kikitos, Candangos e o troféu Oscarito de Gramado, em seu Rio Grande do Sul natal, que coroou sua adorável impostura como forma particularíssima de combater a caretece nacional. Esse combate agora pode ser apreciado em tela grande.

Em 2023, o Festival do Rio e o Fest Aruanda, na Paraíba, acolheram "Peréio, Eu Te Odeio". Esse documentário cheio de galhofa sobre as excentricidades de Seu Campos Velho marcou a volta às telas do quadrinista Allan Sieber, que divide a direção com Tasso Dourado. Peréio é analisado nesse .doc por suas peripécias nada modelo. O talento GG que tinha e seu coração gigante imortalizaram sua picaresca maneira de ser.



Paulo César Peréio com Edna de Cássia no icônico 'Iracema, Uma Transa Amazônica', que chega ao circuito exibidor de 13 estados com cópias restauradas

ENTREVISTA / JOÃO AMORIM, CINEASTA E ANIMADOR

‘O discurso ecológico só funciona com crianças se for vinculado à afetividade’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Misturar animação e fantoche para falar de ecologia para crianças — e para marmanjos com alma de Peter Pan —, com a elegância que “Thiago & Ísis e os Biomas do Brasil” faz, é o bicho! A cabeça por trás dessa aventura educativa, em cartaz neste fim de semana, já animou cults e fez até documentário de alta voltagem política. Fez carreira em Nova York, na Curious Pictures, onde foi animador e supervisor criativo em produções como “A Turma do Bairro”, “O Diário da Barbie” e “Mini-Einsteins”. Entre 2014 e 2020, liderou a produção de conteúdo da “Vila Sésamo” no Brasil, com programas exibidos na TV Cultura e TV Brasil. Em 2021, lançou a série pré-escolar “Thiago & Ísis e os Segredos do Brasil”, exibida na TV Brasil, Canal Futura e Globoplay. A série deu origem ao filme de que fala no papo a seguir, celebrando as narrativas infantojovens.

Qual é a articulação dramática entre o filme e a série “Thiago e Ísis”? E que novos públicos ele pode alcançar?

João Amorim: O universo de “Thiago & Ísis” nasceu num momento em que eu era diretor-geral da “Vila Sésamo” no Brasil. Ali desenvolvi uma expertise com fantoches e com uma linguagem voltada à infância. Na última temporada da série, introduzimos quadros voltados à cultura regional, o que despertou ainda mais o desejo de aprofundar esse tema de forma genuinamente brasileira. Assim

que surgiu a série “Thiago & Ísis e os Segredos do Brasil”. O filme é uma continuidade natural, mas com estrutura mais cinematográfica, explorando a relação das crianças com a natureza e os biomas. A história nasce após eu ler uma reportagem sobre a reintrodução de uma lobinha-guará — a Pequi — no Cerrado. Isso me emocionou e deu origem ao enredo. A partir dali, fizemos pesquisas para incluir também o Pantanal e a Mata Atlântica.

Qual é o desafio de estruturar narrativas que conversem com crianças no audiovisual de hoje?

O desafio é encontrar um equilíbrio entre encantamento e profundidade. As crianças de hoje são muito visuais, imediatistas, mas também profundamente sensíveis. Trabalhar com bonecos e animação é uma forma de criar conexão emocional direta, porque essas linguagens têm empatia, humor e leveza. O discurso ecológico só funciona com crianças se estiver vinculado à afetividade. Mostrar um animal em perigo e colocar uma criança como parte da solução — como acontece no caso da lobinha Pequi — mobiliza cuidado, engajamento e pertencimento. Elas se sentem capazes, e isso é fundamental. Você só consegue cuidar de alguma coisa se você gosta dela! A música também é um recurso essencial. Temos canções com letras originais que misturam ritmos como hip-hop, funk e reggae, mas também samba, moda de viola e sertanejo, refletindo nossa diversidade rítmica.

Qual é o papel de César Coelho, um dos criadores do Anima Mundi, no seu cinema?



Divulgação

César é parceiro de longa data e referência no meu percurso como diretor. Nossa relação começou no final dos anos 1990, quando nos envolvemos em um projeto que infelizmente nunca saiu do papel: uma animação sobre Daya, uma menina indígena. Mesmo naquela época, compartilhamos a vontade de contar histórias brasileiras, com olhar sensível e respeito à diversidade. Em 2001, tive a alegria de participar do Anima Mundi, com o curta “Não

Fique Pillhado”, que fiz com meu irmão Vicente e o Carlos Duba — e que acabou premiado. Desde então, estive envolvido em diversas edições do Anima Mundi, tanto como realizador quanto como espectador e admirador. Nos últimos anos, nossa parceria se aprofundou. César foi o diretor de animação do documentário “Utopia Tropical”, no qual criou sequências belíssimas e expressivas que ajudaram a dar leveza visual a temas complexos. Agora, ele está

diretamente envolvido em “Thiago & Ísis e os Biomas do Brasil” e também em “Amazonika: A Origem”, como diretor de animação. Além da excelência técnica, ele tem uma escuta rara, sensibilidade narrativa e um compromisso profundo com o público infantil. É alguém que entende que a animação pode ser divertida, poética e politicamente relevante ao mesmo tempo.

Em que pé está o projeto “Amazonika: A Origem”?

É um longa de animação 3D que estamos desenvolvendo em coprodução com a CCTV Animation, subsidiária da China Media Group, e com a LC Barreto, no Brasil. O projeto já está financiado na parte chinesa e atualmente buscamos a captação da parte brasileira via Lei do Audiovisual. Até aqui, já desenvolvemos dois tratamentos de roteiro, criamos os principais personagens e cenários, e temos uma base sólida para avançar na produção assim que a captação brasileira for concluída. Antes dele, nosso foco é o lançamento de outro projeto também em coprodução com a China: a série “Hoho e o Som do Brasil”, uma animação 3D voltada para o público infantil. A série acompanha um panda DJ — o Hoho — em uma jornada sonora pelo Brasil ao lado de um mico-leão-dourado e uma capivara. A proposta é promover a diversidade musical e cultural do país de forma divertida, com episódios curtos e ritmo envolvente. A intenção é lançar a série já em 2026, dentro da celebração oficial do Ano da Cultura Brasileira na China e da Cultura Chinesa no Brasil, fortalecendo esse intercâmbio cultural.

CRÍTICA / FILME / FILHOS

Nikolaj Moeller/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Louvada Netflix afora por seu desempenho feroz como Birgitte Nyborg na série “Borgen”, Sidse Babett Knudsen mede 1,68m de altura. A medida é essencial para a construção da personagem que interpreta em “Filhos” (“Vogter”): a agente carcerária Eva. Na ala onde opera, dando aula de ioga aos presos de periculosidade ínfima de que cuida, a retidão dessa servidora pública da Lei faz dela uma gigante, ao molde do coração acolhedor que tem. No entanto, no setor para o qual decide se transferir, que corresponde à zona reservada a criminosos padrão “bicho solto” da Escandinávia, ela é encarada como se fosse um pinguinho de gente, inapta a lidar com a matilha de lobos ali detidos.

Essa impressão é sintoma de machismo. Não parte só da estatura da carcereira, mas também de seu falar manso. No olhar de seus novos colegas, mesmo os que já sofreram xenofobia, aquela figura é um pombo entre carcarás. Acontece que Eva rosna. Alto. Ela esgarça na comida alheia. Ela senta o cassetete ao menor sinal de balbúrdia. Ela se adequa a um meio que a exclui pelo genótipo... e por sexismo. O problema é o que a faz estar ali.

Parece que a gente entende o mote assim que o Maciste chamado Mikkel, besta incontrolável vivida por Sebastian Bull, entra em cena. O título do longa-metragem, “Filhos” (“Sons” no exterior) trai a nossa percepção... ou quase. É, sim, uma narrativa dramática vetorizada por maternidade, mas é, também, um estudo sobre a Europa dos anos 2020, usando o microcosmo de uma cadeia como metonímia... e como metáfora. Tem um continente inteiro ali.

Lançado na disputa pelo Urso de Ouro da Berlinale 2024 e exibido aqui na Mostra de São Paulo do ano passado, “Filhos” se integra ao chamado “cinema penitenciário”,



A agente carcerária Eva (Sidse Babett Knudsen) encara seu fantasma vivo em ‘Filhos’

Atrás das grades do perdão

um filão sociológico de tom quase sempre naturalista (ou seja, a arena dramatúrgica reflete nos personagens múltiplas vicissitudes excludentes do meio social) que rendeu thrillers, dramas, sci-fi (“A Fortaleza”, com Christopher Lambert) e... pasmem... comédias, como “Golpe Baixo” (2005), com Adam Sandler. Figuram nessa linhagem, desbravada na televisão pelo seriado “Oz” (1997-2003), títulos como “Clemência” (2019), com Alfre Woodward; “Instinto” (também de 2019), com Carice van Houten; “Leonera” (2008), com

Martina Gusmán e Rodrigo Santoro; “À Espera De Um Milagre” (1999), com Tom Hanks; “Condenação Brutal” (1989), com Sylvester Stallone; “Brubaker” (1980), com Robert Redford; e “Rebeldia Indomável”, com Paul Newman (1925-2008). Destaca-se ainda uma leva de produções sobre mulheres em condição de encarceramento, como o seminal “Celas Em Chamas” (1974), de Jonathan Demme (1944-2017), e “As Condenadas da Prisão do Inferno” (1971), com Pam Grier.

No Brasil, flanou-se por esse

registro de gênero no blockbuster “Carandiru” (2003) e em joias de Aly Muritiba, como “A Gente” e “Pátio”, com o acréscimo da série “Carcereiros”, com Rodrigo Lombardi, e o longa dela derivado. Integre a esse bonde o documentário “Cativas: Presas Pelo Coração” (2014), de Joana Nin, e “O Cárcere e a Rua” (2005), de Liliana Sulzbach.

Cada vez que se retoma essa tradição, um debate plural, com pés fincados em Michel Foucault (1926-1984) e seu “Vigiar e Punir” (1975), é aberto pelo au-

diovisual, a fim de entender que sociedade é capaz de moldar uma seleção tão farta de ferrabrases. A pauta é: em que ponto a forma da cidadania modelo desandou e gerou monstros? O Mikkel, de “Filhos”, serve pra nós de bússola num estudo sobre os descontroles morais que a Escandinávia sazonalmente produz, apesar de sua aparente microfísica de tolerância, ao avançar por um terreno - o ódio - onde o diálogo “civilizado” não parece mais ser possível. Tampouco o perdão.

Um episódio renegado do passado de Eva a impede de perdoar. O tal fato a impele a mudar de zona em seu emprego e criar uma dinâmica quase sadomasoquista com Mikkel, na qual o limite entre prazer perverso e consciência pesada é tênue. Remoso, analisado em ambientes claustrofóbicos, é o objeto por excelência do realizador sueco Gustav Möller, que alcançou holofotes em 2018 com “Culpa”, de 2018. Sua destreza na condução do suspense (mais uma vez) é notável, amplificada pela montagem taquicárdica de Rasmus Stensgaard Madsen. Toda a tensão é arrematada pelo colorido seco da fotografia de Jasper J. Spanning, que nos põe numa panela de pressão a ferver. A fervura segue em temperatura máxima.

Lugares de escuta, naquele ambiente, são trôpegos. Palavras mais parecem elementos assessorios no argumento escrito pelo cineasta com Emil Nygaard Albertsen, mas não são. No princípio, contam mais as suspeitas que criamos a partir das ações vacilantes de Eva, em olhares perdidos, e expressões de espanto e de desconforto. Cria-se, de cara, um senso (moralizante) acerca dela, num encaixe provisório no arquétipo de heroína. A seguir, a realização precisa de Möller vai esgarçando o enredo e consolidando uma dialética, que se verticaliza nos conflitos da protagonista de modo a fraturar as nossas certezas sobre ela, sobretudo as mais melodramáticas. A majestosa atuação de Sidse torna o filme um espetáculo, daqueles imperdíveis.

CRÍTICA / LIVROS

A brutalidade sofisticada

Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

Os dolorosos sete anos de ditadura militar na Argentina deixaram marcas em todas as expressões artísticas locais, levando ao surgimento de uma geração de escritores dedicados à ficção de suspense e terror. Um dos mais recentes a chegar ao público brasileiro é Luciano Lamberti, que em “O massacre” (Darkside, R\$ 69,90) relata o ficcional surto de violência em uma pequena localidade turística na Patagônia através de depoimentos de sobreviventes, relatórios policiais e discussões sobre as causas da barbárie.

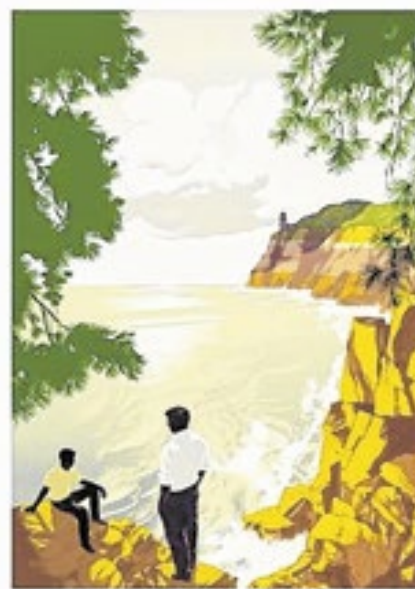
O misterioso motivo para a violência é revelado ao leitor na introdução: um meteorito cai em um terreno do vilarejo, em 1987, e emite a energia que gera delírios, reconhecimento de crimes do passado e a agressividade generalizada. Em entrevistas, Lamberti já disse que monstros e fantástico são desculpas para que encaremos a nós mesmos, sempre falando de algo escondido. Os esqueletos nos armários nem sempre são percebidos pelos moradores do povoado, que matam indiscriminadamente quem veem pela frente. Na leitura, qualquer metáfora com os regimes de força se apequena menor diante da trama, mais envolvente do que explicações e justificativas para a estupidez que domina a população de menos de cem pessoas. As reflexões depois da conclusão, no entan-

to, levam às culpas, aos temores, a tudo que se abre mão em prol da sobrevivência frente à violência extrema.

Um anti-herói vigarista, charmoso e psicopata foi a mais popular das criações da norte-americana Patricia Highsmith. Em cinco romances, Tom



PATRICIA HIGHSMITH
Ripley debaixo d'água



PATRICIA HIGHSMITH
O garoto que seguiu Ripley

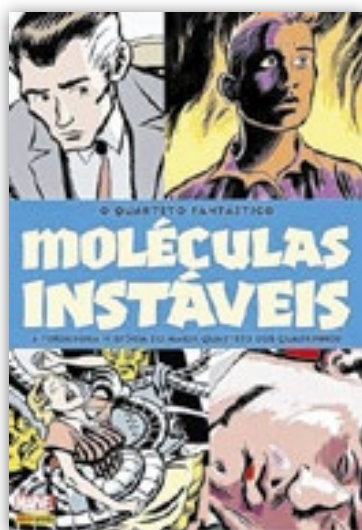


Ripley rouba a identidade de um rapaz rico que assassina, vive da venda de quadros falsificados e de muitas outras falcatuas. Chegam agora às livrarias brasileiras “O garoto que seguiu Ripley” e “Ripley debaixo d'água” (cada um a R\$ 59,90), completando a série que a editora Intrínseca republicou em março, para celebrar os 70 anos

de lançamento de “O talentoso Ripley”.

Embora o primeiro romance seja o mais consagrado pela crítica, o fascínio exercido por essa personalidade fria não se limita ao ambiente que Ripley cerca na ficção. A evolução pessoal – e amoral – do personagem é montada a cada volume, garantindo o interesse do leitor. No início, um pequeno estelionatário em Nova York, Ripley vai morar na Europa, onde se transforma em homem cosmopolita, especialista em arte, música clássica e literatura, casado com uma rica herdeira, sempre dependendo de golpes para manter seu status quo.

Incensados pela crítica, os livros se tornaram best-sellers, estimulados não só pelos intrincados enredos, mas devido a excelentes adaptações cinematográficas. Alain Delon, Dennis Hopper e Matt Damon foram alguns dos atores que interpretaram Ripley, imprimindo ao mau-caráter traços da ambígua personalidade descrita por Patricia Highsmith, que deixou os Estados Unidos para se radicar na Europa, consagrando-se como uma das mais cultuadas mestras de thrillers que exploram a culpa – ou a ausência dela. Dizem que o personagem tinha traços da própria escritora, que, no entanto, era conhecida pelo péssimo humor e por preferir a solidão do que viver cercada por admiradores. Em seu distanciamento social, Highsmith tornou o livro de suspense mais do que entretenimento, criando literatura de alta complexidade.



A chegada do filme do Quarteto Fantástico levou a Panini a divulgar novos títulos do grupo

Os Jetsons das artes gráficas

Memorável filme do Quarteto Fantástico tira do forno uma série de quadrinhos do grupo

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Doutor Destino, o líder da nação fictícia do leste europeu Latvéria e ferrabrás de meter medo, há de ficar bem zangado de ter ficado de fora (ou quase) de “Quarteto Fantástico: Primeiros Passos”, que estreou nesta quinta (27), superando todo e qualquer temor acerca de sua excelência como adaptação de HQ. O cineasta Matt Shakman, egresso de séries como “WandaVision” e “Game of Thrones”, fez justiça à família que serviu como pilar editorial para a Marvel Comics, em 1961, inaugurando um estilo de quadrinhos sintonizado com os conflitos culturais de seu tempo – sobretudo a intolerância racial.



Divulgação

A direção de arte é de um colorido temperado, de fina precisão, com especial esmero no emprego da cor azul, empregada nos uniformes dos heróis. A trama se alinha com a tradição cinéfila dos “filmes catástrofe”, alinhando-se com referências pop como o desenho “Os Jetsons”.

Não há um “ai!” a se dizer contra o elenco, sintonizado em covalência plena de carismas e talentos cênicos. Pedro Pascal é um Reed Richards (ou Sr. Fantástico) com ar de Rock Hudson. Vanessa Kirby constrói Sue Storm, a Mulher Invisível, num diapasão melodramático elegante. Joseph Quinn engole cada quadro em

que aparece sob as chamadas de Johnny Storm, o Tocha Humana – o melhor que o cinema já viu. Por fim, com seu ar de fera ferida, Ebon Moss-Bachrach traduz a humanidade de Ben Grimm, o Coisa, de uma forma que só a safra de revistinhas quadrinizadas por John Byrne, editadas pela Abril nos anos 1980, conseguiram.

Não é à toa que a Panini Comics, casa que publica os personagens aqui tem uma leva de álbuns, especiais, encadernados e até as patacas chamadas “Omnibus” para oferecer à galera nerd. O título mais precioso já está à venda e tem o mesmo nome do longa-metragem.

Seu miolo junta os artistas gráficos Mark Buckingham e Matt Fraction. Sua narrativa, ligada ao filme, retrocede quatro anos no tempo, a fim de narrar quando um time de expedicionários do espaço voltou à Terra, após sofrer um acidente com raios cósmicos, que lhes assegurou uma série de poderes, assumindo a alcunha de Quarteto Fantástico. Igualmente imperdível é a saga “1234”, vendida aqui pela Panini na coleção “Marvel Essenciais”, narrando as investidas nada discretas do Príncipe Submarino Namor no coração de Sue.

Compre-se ainda a um preço

bem bacaninha (R\$ 39,90) um almanaque com aventuras solo do Coisa, com texto do roteirista Walter Mosley e arte de Tom Reilly. Suas páginas dão uma geral do coração do tamanho de uma galáxia que bate no peito do vigilante de pedra, o que explica a linha de atuação que Moss-Bachrach segue no longa. Muito do que se vê na releitura vintage que Shakman faz do supergrupo foi antecipado no arco de trama “Moléculas Instáveis”, de Guy Davis e James Sturm, nas bancas e livrarias.

Mais títulos

A iguaria mais saborosa dessa leva de álbuns ligados aos defensores do universo que Stan Lee (1922-2018) e Jack Kirby (1917-1994) criaram se chama “A Sorte Favorece os Fantásticos”. Ela traz artesões do roteiro e do desenho como Carlos Gómez, Ivan Fiorelli e Ryan North em sua equipe de criação. No Brasil, esse material foi editado em encadernação em “Quarteto Fantástico - Vol. 4”. Trata-se de uma homenagem eletrizante aos suspenses policiais dos anos 1940. Nela, Reed Richards está desaparecido e Sue precisa procurar um detetive para encontrá-lo. Enquanto isso, Ben Grimm e Johnny Storm precisam arranjar empregos para trazer algum dinheiro extra para a família.

Atualmente, nos Estados Unidos, a Marvel revisita o legado do Sr. Fantástico e sua família em “Fantastic Four Fanfare”, com roteiros de Tom DeFalco, Dan Slott e Chip Zdarsky. A trupe de ilustradores junta Michael Allred, Ron Frenz e Marcos Martin.

MÚSICA | TEATRO | DANÇA | CIRCO | ARTES VISUAIS | AUDIOVISUAL | LITERATURA

**FESTIVAL
SESC
DE INVERNO**

NOSSO LUGAR

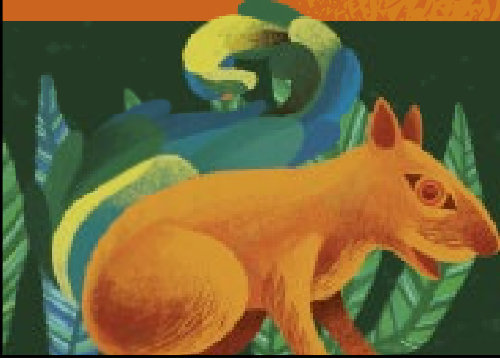
**DE 11 A 27
JULHO**

EM

**25 LOCALIDADES
DO ESTADO DO RJ**

**DEM VIVER O ÚLTIMO
FINAL DE SEMANA
DO FESTIVAL QUE
É O NOSSO LUGAR.**

Um lugar cheio de vida,
conexões e memórias.
Feito para você chamar de seu.



**CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM:
FESTIVALSESCDEINVERNO.COM.BR**

 [sescrj](#)  [sescrj](#)  [portalsescrj](#)



REALIZAÇÃO



Bruno de Lima/Divulgação



CAPRICCIOSA

Rodrigo Azevedo/Divulgação



ALBA

Por **Natasha Sobrinho**
(@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Em camadas, redonda ou retangular, vale tudo para saborear uma boa lasanha! Tradicional ou reinventada, a lasanha ganhou novos formatos e recheios, mas continua sendo puro desejo. Têm as versões clássicas em porções generosas, ideais para compartilhar; opções vegetarianas; e até sugestões com recheio de pato, para surpreendendo no recheio e no sabor. No Dia da Lasanha, 29 de julho, o importante é celebrar esse prato tão amado, seja qual for a forma. Confira as receitas especiais que o Correio da Manhã selecionou para você:

ALBA – O chef italiano Michele Petenzi fez uma renovação completa no menu, com foco em pães artesanais e massas frescas preparadas na casa. Entre as opções está a lasagna alla bolognese (R\$ 67) com massa artesanal feita na casa, ragù italiano de longo preparo, creme de tomate, parmesão e demi-glace. Rua Martins Ferreira 60, Botafogo. Tel: (21) 99795-6988.

CANTINA DA PRAÇA – O restaurante italiano, com bom custo benefício,

Divulgação



SPESSO

Tomás Rangel/Divulgação



CANTINA DA PRAÇA

Divulgação



NOLITA

Rodrigo Azevedo/Divulgação



FERRO & FARINHA

Tomás Vélez/Divulgação



ESCAMA

Luq Gabriel/Divulgação



MÄSKA

em Ipanema, oferece em seu cardápio a clássica Lasagna Bolognese (R\$ 69) que chega à mesa quentinha com pasta fresca de grão duro, molho à bolonhesa e creme de queijo no molho de tomate feito na casa. E ainda há uma opção vegetariana: a Lasagne alla Melanzane (R\$ 64 - foto), feita com berinjela grelhada com molho pomodoro da casa e queijo gratinado. Rua Jangadeiros, 28. Tel: (21) 32589540.

CAPRICCIOSA – Além das pizzas, a casa também tem um cardápio com sugestões de massas como a Lasagna di Manzo (R\$ 110). Ela leva recheio de vitela, carne, Parma,

shitake e funghi seco. Rua Vinícius de Moraes, 134 – Ipanema. Tel: (21) 2523-3394.

ESCAMA – Além da variedade de pratos de peixes e frutos do mar, o restaurante no Jardim Botânico, tem uma seção do cardápio com outras opções, como a Lasanha de Pato confit com molho béchamel e aspargo (R\$ 144). Rua Visconde de Carandaí, 5 – Jardim Botânico. Tel: (21) 3215-6185.

FERRO E FARINHA – Na badalada pizzaria do chef Sei Shiroma, também é possível encontrar a The Ferro Lasagna (R\$ 79). Ela é feita no forno a lenha com quatro

camadas de massa verde artesanal, ragù clássico de carne bovina e suína, gratinada com grana padano. Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - 4º piso - Shopping Leblon. Tel: (21) 97443-5192.

MASKA – Entre os pratos principais do menu do restaurante, localizado em Ipanema, está a Lasagna Campestre (R\$ 72). Ela leva linguiça mineira, fonduta de grana padano e molho roti com salada de agrião e pickles de cebola. Rua Joana Angélica, 159. WhatsApp: (21) 99997-0250.

NOLITA OVEN BAR – No descolado restaurante, no VillageMall, a pedida é a Lasanha Nolitita (R\$ 74). Ela é redonda e leva massa fresca e molho bolonhesa feito com blend de cortes Black Angus. Av. das Américas - 3900 - piso L2- Villagemall. Tel: (21) 3252-2678.

SPESSO – O restaurante italiano, localizado em Botafogo, oferece a autêntica Lasagne Sfogliate al Forno com bechamel e roti (R\$ 62,90). A lasanha é preparada com ingredientes importados da Itália e seguindo receitas tradicionais italianas. Praia de Botafogo, 228, loja 102B. Tel: (21) 97280-2207.

Luz! Som! Mulher!

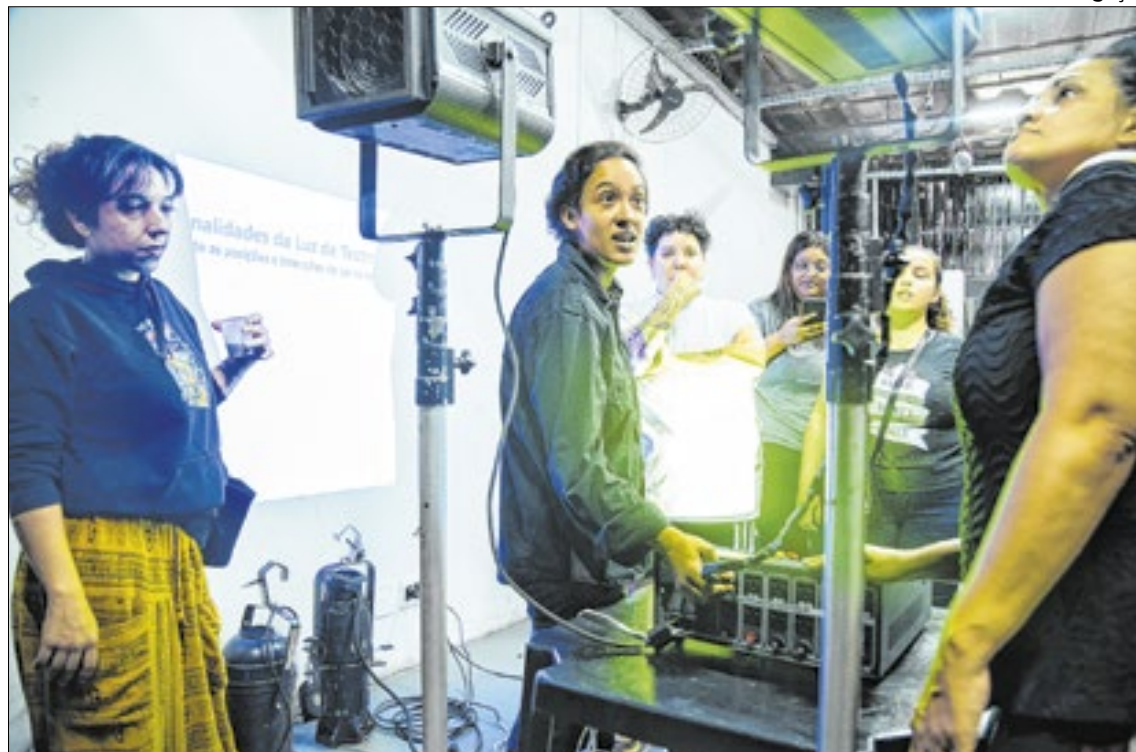
Voltado para o público feminino, projeto capacita para parte técnica da produção

Por Mayariane Castro

Uma iniciativa voltada à inclusão e à capacitação técnica de mulheres nos bastidores da cultura formou 60 novas profissionais no Distrito Federal. O projeto “Luz, Som e Ação”, promovido pela Guia Acessibilidade Inclusiva com apoio do Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF), ofereceu cursos gratuitos de Roadie e Técnica de Iluminação para moradoras de 20 regiões administrativas do DF, incluindo mulheres com deficiência.

As aulas ocorreram entre os meses de abril e junho de 2025 no Instituto Federal de Brasília (IFB), no Recanto das Emas, e no projeto Jovem de Expressão, em Ceilândia.

A ação teve 116 mulheres inscritas e priorizou a formação de



Divulgação

Projeto desfaz preconceito de que só homens cuidam da parte técnica

Novos caminhos foram abertos

Alunas relatam que cursos abriram novas opções de carreiras

Ellen Oliveira, idealizadora do projeto, afirmou que a iniciativa teve como foco principal oferecer uma formação técnica sólida e acessível, mas também atuar na quebra de estigmas sobre o lugar das mulheres nos bastidores da cultura. “Montar palco, operar luz ou som não é, e nunca foi, exclusividade de um grupo. Queremos abrir caminhos para talentos que historicamente foram deixados de fora”, declarou.

As aulas foram ministradas

por profissionais com experiência no setor de eventos e cultura. Zizi Antunes, facilitadora do curso de Iluminação, ressaltou que a formação oferecida contribui para reduzir barreiras físicas e simbólicas enfrentadas por mulheres na área. “Há um estigma de que funções como montagem e operação de iluminação exigem força física incompatível com o corpo feminino, o que não é verdade. O curso mostrou que a técnica e a formação são os principais requisitos”, afirmou.



Divulgação

Alunas foram apresentadas a novas alternativas

Durante os cursos, as alunas aprenderam noções teóricas e práticas sobre montagem de estrutura de palco, cabeamento, equipamentos de som e luz, operação de sistemas técnicos e medidas de segurança. As aulas também abordaram temas como direitos trabalhistas, empreendedorismo, ética profissional e inclusão.

Reconexão

Os depoimentos das alunas indicam que a formação teve impacto direto nas trajetórias pessoais e profissionais. Clara Lua, aluna do curso de Roadie, destacou o ambiente exclusivo para mulheres como fator decisivo para o aproveitamento das aulas. “Pela minha vontade, o curso teria mais aulas. Eu

turmas exclusivas do gênero feminino, promovendo inserção profissional em áreas historicamente ocupadas por homens, como montagem de palco, operação de som e iluminação cênica. O objetivo foi contribuir para o fortalecimento da presença feminina no setor técnico de eventos e ampliar o acesso a oportunidades no mercado da economia criativa.

Segundo dados do projeto, a maior parte das participantes tinha entre 25 e 34 anos (53,4%). A maioria das alunas era residente de Ceilândia (19,8%) e Taguatinga (13,8%). Um total de 13,5% das participantes era composto por pessoas com deficiência, o que demandou medidas específicas de acessibilidade, como intérpretes de Libras, audiodescrição e materiais adaptados.

continuará aprendendo. Foi importante ter esse espaço só para mulheres”, relatou.

Para Rafaela Xavier, a participação no curso serviu como ponto de reconexão com o próprio projeto de carreira. “Saí sabendo por onde começar a me inserir na área, e o ambiente só de mulheres foi fundamental para me sentir confiante”, disse. Já Mariana Aguiar, aluna da turma de Iluminação, afirmou que o curso transformou sua percepção sobre a técnica de luz. “Entrei sem nenhuma noção e hoje vejo a luz como uma ferramenta artística”, relatou.

O encerramento do projeto ocorreu no início de julho com a entrega de certificados e uma atividade prática de montagem de palco e iluminação, simulando um evento real. A organização do projeto afirmou que pretende buscar novos apoios para expandir a iniciativa e oferecer outras turmas futuramente.

FESTIVAL

Ação e acessibilidade

*De 1º a 3 de agosto, o Espaço Cultural Renato Russo recebe a segunda edição do festival Trilha da Inclusão. Com entrada gratuita, a programação reúne cinema, teatro, música, dança e feira criativa com protagonismo de artistas com deficiência. O evento conta com recursos de acessibilidade e ambiente sensorial voltado ao público neurodivergente.

Juventude Negra

*O Festival Itinerante da Juventude Negra percorre o DF entre julho e setembro com oficinas, apresentações, feira e rodas de conversa. O projeto valoriza a cultura afro-brasileira e o protagonismo juvenil. Com apoio da PNAB-DF, será realizado em Santa Maria, Ceilândia, Sol Nascente e Taguatinga, com acessibilidade e entrada gratuita.

Festival de Inverno

*O Grupo ClubeCoat comemora 24 anos com festa no Festival de Inverno do Cadê Chiquita, nesta sexta (25), às 18h, no late Clube de Brasília. Atracões incluem Rafa Monte Rosa, Renato Azambuja, Daniel Negreiros e DJ Daniel Cardim. Entrada: R\$ 15 (sócios) e R\$ 30 (não-sócios). Crianças até 12 anos não pagam. Acesso pela portaria do tênis.

PROJETO

Arte em Sobradinho

*O Circuito Rua Viva encerra sua última etapa neste fim de semana (26 e 27/07), na Praça das Artes Teodoro Freire, em Sobradinho. A programação inclui oficinas de mural, teatro de rua e shows gratuitos com Anna Moura, Kirá e Trio Massapé. O projeto passou por várias regiões do DF em julho, reunindo artistas locais com apoio do FAC. Entrada livre.

TEATRO

Teatro para a 1ª infância

*O Festival Primeiro Olhar, referência em artes cênicas para a primeira infância no Brasil, chega à 11ª edição entre 1º e 17 de agosto, no Museu da República (DF), com espetáculos, oficinas e vivências gratuitas de artistas do Brasil, França e Catalunha. A programação também circula por regiões administrativas com ações voltadas a bebês,



Trilha da Inclusão ocupa Espaço Renato Russo

Um DF de opções de lazer

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Nityama Macrini



Festival Primeiro Olhar

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

famílias, educadores e comunidades. Entrada franca. Classificação livre.

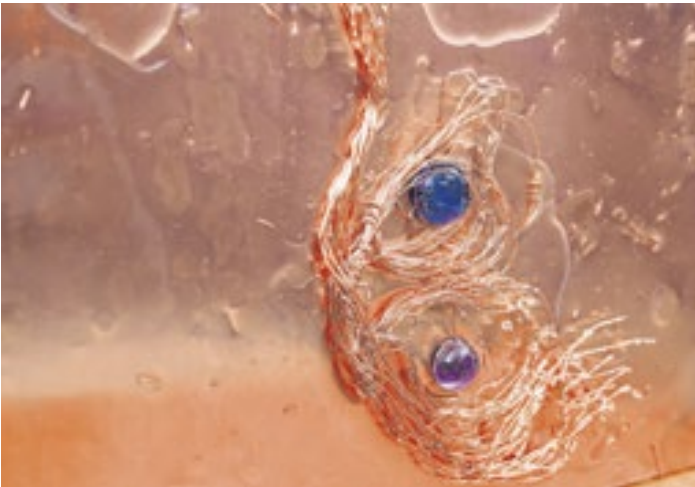
Os Peixes Não Falam

*Criado para crianças de 0 a 5 anos, o espetáculo Os Peixes não Falam convida a escutar com o corpo e ver com o coração. A atriz Clarice Cardell dança entre objetos e afetos, criando paisagens poéticas sem palavras. A obra é fruto do encontro entre a brasileira Primeiro Olhar e a francesa Théâtre de Cuisine. A estreia será em 2 de agosto no Museu da República, dentro do 11º Festival Primeiro Olhar.

Fábrica de Nuvem

*Em cartaz no CCBB Brasília até o dia 10/8, Fábrica de Nuvem mistura circo, teatro e bonecos para falar de forma

Divulgação



Exposição Sensibilità, de Claudia Bertolin

Igor Keller



CCBB recebe espetáculo infantil

Divulgação



Banda Eduardo & Mônica

Lúdica sobre as mudanças climáticas. Com entrada gratuita, o espetáculo conta a história de uma mulher encantada que vive nas nuvens e precisa salvar o planeta. Direção de João Ferreira e atuação de Flávia Costa. Sessões de quarta a sábado, às 16h, e domingos às 15h.

SHOW

Eduardo & Mônica

✱ Pela 1ª vez no Capital Moto Week, o bloco brasileiro Eduardo & Mônica se apresenta nesta sexta (25), às 21h, no palco principal. Com mais de 10 anos de estrada, o grupo é conhecido por versões únicas de clássicos do rock nacional com toques de reggae e percussão. O repertório inclui hits de Legião Urbana, Cássia Eller, Capital Inicial e músicas

Anderson Costa



Josiel Konrad agita Brasília

Divulgação



Rodoviária do Plano Piloto recebe intervenções

autorais. Fundado em 2017, o bloco já foi eleito o melhor de Brasília.

Josiel Konrad agita Brasília

✱ O trombonista Josiel Konrad lança o vinil do álbum “Boca no Trombone” com show no Infinu (Brasília), dia 24/7, às 20h. Misturando Jazz, Funk Carioca, Bossa Nova e R&B, o artista celebra a periferia como origem e potência do jazz. O disco, 100% autoral, une crítica social e lirismo sonoro. Cria da Baixada Fluminense, Konrad já tocou no Brasil e na Europa. Ingressos: R\$ 80.

EXPOSIÇÃO

Arte Subdesenvolvida

✱ O CCBB Brasília lança Espaço Sensorial na exposição Arte Subdesenvolvida,

com objetos interativos e texturas que ampliam a acessibilidade. A ação integra o Rolê Cultural - Educativo CCBB, com visitas mediadas, oficinas e atividades para todas as idades. Há recursos como videolibras, visitas em Libras, abafadores e transporte gratuito para escolas públicas. Todas as atividades são gratuitas. Agendamentos: conecta.mediato.art.br.

Experiência Sensorial

✱ O DF recebe a exposição sensorial e inclusiva Sensibilità, da artista Claudia Bertolin. A mostra passa pelo JK Shopping de 27/7 a 7/9 e pelo Venâncio Shopping de 1º a 29/10. Com obras em Fusing e trabalhos de pessoas com deficiência visual, a experiência multissensorial reúne tato, olfato, paladar e audição, com audiodescrição, Braille, intérpretes de Libras e visitas guiadas. O projeto tem apoio do FAC e parceiros locais.

Intervenção artística

✱ Nos dias 2 e 3 de agosto, às 11h e 14h, a Rodoviária do Plano Piloto recebe “seRparAção – políticas do dançar e da iMpertinência”, resultado da residência artística liderada por Camillo Vacalebrey. Inspirado no artista Ishmael Houston-Jones, o projeto promoveu encontros sobre racismo, capacitismo e outras exclusões. As performances, com o tema Navio dos Loucos, trazem corpos dissidentes em ação coletiva. Gratuito e livre para todos. Mais: @ser.par.acao.

FESTA

Birosca do Conic

✱ Este sábado (26) tem “V de Viadão” na Biroasca, celebrando todos os tipos de shape! Atrações incluem Melina Biley, drag de Drag Race Brasil, Venus como Bofe, Naomi Leakes, DJ Mavi e Daddy V. Entrada R\$ 25 (antecipado). Cortesias disponíveis até meia-noite. Evento para maiores de 18 anos.

EXTERNA

✱ A BATEKOO chega à Externa HOJE (25), com show ao vivo de MC Carol. Criada em Salvador, a festa é um movimento que celebra a cultura negra, periférica e LGBTQIA+ com pagodão, funk, trap e afrobeat. MC Carol, ícone do funk, comanda a noite com hits como “Liga pro Samu”. Cortesias disponíveis por tempo limitado.

Tullio, profissão teatro

Festival homenageia um dos principais nomes das artes cênicas do DF

Por Mayariane Castro

O Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, em Brasília, recebe até esta sexta-feira (25) o Festival Tullio Guimarães, em homenagem ao artista que teve trajetória marcante nas artes cênicas do Distrito Federal.

A programação começou na quinta-feira (25), quando Tullio completaria mais um ano de vida, e incluiu exibição de filmes, sarau, exposição, performances e apresentações do grupo Viva a Vida, fundado por ele em 2000. Uma atividade complementar ocorrerá no dia 3 de agosto, às 16h, no Espaço Multicultural Casa dos Quatro, na 708 Norte.

O festival foi idealizado por artistas, produtores culturais e admiradores de Tullio Guimarães



Divulgação

Referência do teatro brasileiro, Tullio Guimarães morreu em 2024

Cabaré na Casa dos Quatro

Grupo Viva a Vida reviverá cenas de peças dirigidas por Tullio

Ainda no dia 24, o público visitou a exposição “Memórias do Mestre”, composta por figurinos, fotografias, textos e elementos cênicos utilizados por Tullio em sua trajetória. Nesta sexta-feira, às 20h, será realizada uma apresentação do grupo Viva a Vida, criado por Tullio Guimarães com foco em pessoas com mais de 55 anos. O grupo apresentará cenas curtas de dramaturgias criadas pelo artista. A direção é assinada por Andy do Futuro, com assistência de Mônica Gaspar.

A programação do festival se estende ao dia 3 de agosto, com um cabaré performático no Espaço Multicultural Casa dos Quatro. Participam da atividade artistas locais que conviveram com Tullio Guimarães. O grupo Viva a Vida também reapresentará as cenas dirigidas por ele. A entrada para todas as atividades é livre para todos os públicos.

Tullio

Tullio Guimarães atuou como professor, ator, encenador,



Divulgação

Na Casa dos Quatro, se apresentarão amigos de Tullio

dramaturgo e diretor. Teve participação em diversos espetáculos teatrais, filmes e projetos educativos. Um de seus trabalhos mais reconhecidos foi o grupo Viva a Vida, considerado o primeiro grupo de teatro do Distrito Federal voltado à terceira idade. Criado em 2000, o coletivo foi concebido como uma platafor-

ma para criação de dramaturgias sobre o envelhecimento, com foco em protagonismo e inclusão.

De acordo com a organização do festival, o trabalho de Guimarães foi reconhecido por profissionais da área gerontológica, sendo considerado uma iniciativa de relevância social

após seu falecimento em 2024. A abertura oficial foi quinta-feira, 24 de julho, às 19h, com a inauguração da Sala Multiuso Tullio Guimarães. A cerimônia foi conduzida pela jornalista e mestre de cerimônia Márcia Witczak.

A programação da noite de abertura incluiu a exibição de trechos do filme “Dulcina”, da cineasta Glória Teixeira, com participação de Tullio Guimarães. Ao longo da programação, foram e serão exibidos os curtas-metragens “Dona Rosita La Solteira” e “O Nome da Mãe”, dirigidos por Donato Viero, com participação de Guimarães e do ator Alexandre Ribondi. Além disso, será lançado o videocast “IN(CLASSIFICÁVEIS)”, projeto de Bruno Ferraz que apresenta entrevistas e depoimentos em homenagem ao artista.

na promoção da arte entre pessoas idosas. A proposta do grupo Viva a Vida era oferecer um espaço para a expressão artística dessa faixa etária, por meio da criação de peças autorais e processos de formação.

A diretora e produtora Andy do Futuro destacou que o festival surgiu de maneira colaborativa, reunindo pessoas que tiveram contato com o artista ao longo da carreira. Segundo ela, a escolha da data de estreia no aniversário de Tullio foi uma forma simbólica de prestar homenagem e manter vivo o legado deixado pelo artista. “O festival é uma união espontânea de pessoas que trabalharam com ele e desejavam lembrar sua trajetória”, afirmou.

O evento é organizado de forma independente e conta com apoio de artistas de diferentes linguagens, técnicos de teatro, produtores e familiares do homenageado. As atividades serão registradas em vídeo.



Festival destaca artistas com deficiência

PÁGINAS 8 E 9



Festival Tullio Guimarães celebra o artista

PÁGINA 16

Projeto Luz, Som e Ação forma 60 mulheres

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

Por Affonso Nunes

Com força e com vontade, chega um novo tempo. No último dia 16, um dos autores mais consagrados da MPB entrou para o clube dos 80 anos no qual já figuram nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Agora chegou a vez de Ivan Lins cruzar esse portal. Neste sábado, o artista sobe ao palco do Vivo Rio para inaugurar a turnê “Ivan Lins 80”, que passa a limpo uma trajetória autoral de 55 anos que conquistou o Brasil e o mundo.

O show mergulha na extensa obra do artista, que soma mais de 800 canções desde os anos 1970. No repertório, clássicos como “Madalena”, “Dinorah, Dinorah”, “Vitoriosa” e “Lembra de Mim” dividem espaço com inéditas como “Meninos de Gaza”, parceria com Simone Guimarães. A direção artística fica com Cláudio Lins, filho do homenageado, e terá participações especiais de Fafá de Belém, Leila Pinheiro e do próprio Cláudio. “O espetáculo costura um roteiro afetivo, contemplando diferentes fases da minha

Ivan Lins, 80!

Cantor e compositor celebra aniversário com turnê que percorre meio século de sofisticação harmônica na MPB

trajetória. São canções que remetem à memória do público”, destaca Ivan.

Fafá de Belém, que gravou “Bilhete” em 1982, se derrete em elogios ao artista. “Eu era menina no início dos anos setenta, quando ele apareceu na tevê cantando ‘O Amor É Meu País’. Nunca imaginei um dia ser amiga desse cara”. E Leila Pinheiro relembra o apoio do músico. “Ele já estava comigo na gravação do meu primeiro álbum, em 1982, tocando ‘Mãos de Afeto’. Depois disso, a gente nunca mais se deixou”.

Um momento especial será o dueto entre Ivan e Cláudio em “Aos Nossos Filhos”, imortalizada por Elis Regina. O espetáculo celebra suas parcerias com Vitor Martins, Chico Buarque e Paulo César Pinheiro. É para guardar nos olhos, ouvidos e coração.

SERVIÇO

Ivan Lins 80
Vivo Rio (Av. Infante D. Henrique - Parque do Flamengo)
26/7, às 21h
Ingressos entre R\$ 110 a R\$ 210